

Permanências, rupturas, transformações: os antifeminismos de ontem e de hoje

*Permanences, ruptures, transformations: yesterday's
and today's antifeminisms*

Thaís Batista Rosa Moreira^a 

Resumo A partir da exposição e análise de uma série de manifestações antifeministas, resgatadas de fontes escritas e iconográficas que datam de meados do século XIX até os dias atuais, proponho uma reflexão que matize a historicidade desses fenômenos, observando suas estratégias e retóricas, inscritas em uma dinâmica de permanências, rupturas e transformações através do tempo. Além disso, o artigo apresenta um breve panorama historiográfico, dando destaque às interpretações específicas sobre o antifeminismo propostas por Susan Faludi (2001), Florence Rochefort (1999) e Rachel Soihet (2013). Assim, busca-se ressaltar a importância de articular o passado e o presente para compreender os discursos antifeministas, atentando-se tanto aos aportes deixados pela bibliografia especializada no tema, como para suas limitações face aos desafios contemporâneos.

Palavras-chave antifeminismos. Antigênero. Antissufragismo. Sexismo. Historiografia.

Abstract *From the exposition and analysis of a series of anti-feminist manifestations, retrieved from written and iconographic sources dating from the mid-19th century to the present day, I propose a reflection that nuances the historicity of these phenomena, observing their strategies and rhetorics inscribed in a dynamic of continuities, ruptures, and transformations over time. Additionally, the article presents a brief historiographical overview, highlighting specific interpretations of anti-feminism proposed by Susan Faludi (2001), Florence Rochefort (1999), and Rachel Soihet (2013). Thus, the importance of articulating the past and the present to comprehend anti-feminist discourses is emphasized, paying attention to both the contributions made by specialized bibliography on the topic and their limitations in the face of contemporary challenges.*

Keywords *anti-feminisms. Anti-gender. Anti-suffragism. Sexism, historiography.*

a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH/USP. E-mail: thais.moreira@usp.br

INTRODUÇÃO: OFENSIVAS ANTIGÊNERO E ANTIFEMINISMOS

“A história da oposição dos homens à emancipação das mulheres talvez seja mais interessante do que a história da própria emancipação” (Virgínia Woolf, *Um teto todo seu*, 1985, p. 69)

A observação de Virgínia Woolf foi um ponto de partida muito retomado por estudiosas que buscaram refletir sobre o antifeminismo. A historiadora Michelle Perrot evoca a citação no prefácio que escreveu para *Un siècle d'antiféminisme* (1999), livro dedicado à reflexão sobre o fenômeno no contexto europeu¹. Já Branca Moreira Alves salienta que a luta internacional pelo direito ao voto feminino confirma a fala de Woolf, pois “cada vez que lemos ou relemos essa história, sentimos novamente a indignação e nos deparamos ainda com a incompreensão sobre as razões que explicam a ferrenha e constante resistência aos direitos das mulheres” (2019, p. 49)². Assim, a história do antifeminismo - ou melhor dizendo, dos antifeminismos - tem sua relevância pautada sobretudo em sua perenidade, isto é, no fato de que os posicionamentos e discursos contrários aos feminismos, em suas mais variadas formas, estão ainda na ordem do dia. Dentre debates acalorados, polêmicas e contradições, trazer em pauta os antifeminismos torna-se um desafio particular - ou, como diria Virginia Woolf, continuando a citação anterior: “Seria possível escrever um livro divertido sobre isso, caso alguma jovem aluna de Girton ou Newnham colhesse exemplos e deduzisse uma teoria — mas ela precisaria de luvas grossas nas mãos e de barras de ouro maciço a protegê-la” (1985, p. 69).

Com efeito, os atuais apelos antifeministas direcionados à chamada “ideologia de gênero”³ - expressão que remete a uma contraofensiva católica do final da década

1 A coletânea contém análises, sobretudo de historiadoras e sociólogas, que contemplam desde o fim do século XIX até meados da década de 1990. Em 2019, comemorando os vinte anos da publicação, a organizadora Christine Bard retomou e atualizou as discussões em um novo livro, intitulado *Antiféminismes et masculinismes d'hier et d'aujourd'hui*, dirigido em parceria com Mélissa Blais e Francis Dupuis-Déri. Ambas as publicações ainda não foram traduzidas para o português, exceto o capítulo de Sylvie Chaperon em *Un Siècle d'antiféminisme* (ver em: CHAPERON, Sylvie (2005). “Auê sobre o Segundo sexo”. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 12, p. 37–53).

2 A reflexão está no início de “A luta das sufragistas”, texto revisado de Moreira Alves que baseia-se em seu trabalho *Ideologia e Feminismo*, publicado originalmente em 1980.

3 “Ideologia de gênero” não é um conceito científico. Segundo Rogério Diniz Junqueira, “são grotescas formulações paródicas ou até fantasmáticas que, porém, atuam como poderosos dispositivos retóricos reacionários, eficazes na promoção de polêmicas, ridicularizações, intimidações e ameaças contra atores e instituições inclinados a implementar legislações, políticas sociais ou pedagógicas que pareçam contrariar os interesses de grupos e instituições que se colocam como arautos da família e dos valores morais e religiosos tradicionais” (2019, p. 3).

de 1990⁴ - ecoaram com vigor nos últimos anos em todo o mundo. Um dos exemplos mais emblemáticos ocorreu no ano de 2017, quando a visita da filósofa Judith Butler ao Brasil para um compromisso acadêmico resultou em um protesto em frente ao Sesc Pompeia, em São Paulo. No ato, convocado pelo grupo conservador “Direita São Paulo”, viam-se inúmeros cartazes com dizeres como “Menos bruxas, mais príncipes e princesas” e “Sonho de Judith Butler: destruir a identidade sexual dos seus filhos”. Dentre as participantes mulheres, muitas vestiram-se com peças e laços cor-de-rosa. Além disso, apareceram diversos outros símbolos utilizados por setores alinhados ao bolsonarismo na época: bandeiras do Brasil, bíblias e pedidos por “intervenção já”⁵. As fotorreportagens registraram, ainda, uma boneca alegórica caricaturando Butler com um chapéu de bruxa, que, após ser exibida pelos manifestantes, foi queimada e ornamentada com um crucifixo de madeira⁶. O rosto da filósofa também foi utilizado em faixas clamando por “Pedofilia não” e “Go to hell”.

4 Para Sara Garbagnoli (2019), o Vaticano lançou “uma cruzada transnacional contra o uso conceito de gênero no seio das instâncias políticas”, sendo o fenômeno antigênero caracterizado também pela “deformação e diabolização das posições e teorias adversas” (p. 242, tradução própria). Sobre o termo “ideologia de gênero” e sua genealogia, ver: MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano (2017). “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. *Sociedade e Estado* [online], v. 32, n. 03, p. 725-748. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s0102-69922017.3203008>>. ISSN 0102-6992. <https://doi.org/10.1590/s0102-69922017.3203008>.

5 Vale destacar que alguns dos símbolos, apelos e frases utilizadas por manifestações de grupos de extrema-direita da atualidade são de viés transnacional. Isto é, apesar das particularidades nacionais e regionais - como o caso destacado -, existem semelhanças e circulações de discursos (verbais e visuais) que não devemos perder de vista. Em entrevista à revista *Sur*, Sonia Corrêa (coordenadora do Observatório de Sexualidade e Política) destaca que a foi a *La Manif Pour Tous* em Paris (2012-2013) que “lançou ao mundo a estética de “meninas vestem rosa” e “meninos vestem azul” (2022). Sobre o emprego de símbolos e slogans similares nas campanhas antigênero dos últimos anos, ver também: GRAFF, Agnieszka; KOROLCZUK, Elżbieta (2022). “Anxious parents and children in danger: the family as a refuge from neoliberalism”. In: *Anti-Gender Politics in the Populist Moment*. Londres: Routledge, p. 114-136.

6 As fotografias estão disponíveis em: <https://m.folha.uol.com.br/gallery/#galeria=1583417806241586-protesto-contrajudith-butler-em-sao-paulo,foto=1583417806487349,ref=ilustrada/2017/11/1933437-manifestantes-pro-e-contrajudith-butler-protestam-no-sesc-pompeia.shtml,fotografia_url=https://galerias.folha.uol.com.br/galerias/1583417806241586-protesto-contrajudith-butler-em-sao-paulo->. Acesso em fevereiro de 2024.



Figura 1. São Paulo - Manifestantes protestam contra e a favor da participação da filósofa Judith Butler no seminário *Os Fins da Democracia* realizado pelo Sesc Pompéia, em parceria com a Universidade da Califórnia (Rovena Rosa/Agência Brasil). 7 Novembro 2017. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Manifestantes_protestam_contra_e_a_favor_de_fil%C3%B3sofa_Judith_Butler_em_S%C3%A3o_Paulo_\(38245843701\).jpg#/media/File:Manifestantes_protestam_contra_e_a_favor_de_fil%C3%B3sofa_Judith_Butler_em_S%C3%A3o_Paulo_\(38245843701\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Manifestantes_protestam_contra_e_a_favor_de_fil%C3%B3sofa_Judith_Butler_em_S%C3%A3o_Paulo_(38245843701).jpg#/media/File:Manifestantes_protestam_contra_e_a_favor_de_fil%C3%B3sofa_Judith_Butler_em_S%C3%A3o_Paulo_(38245843701).jpg)

Em um contexto efervescente de um ano pré-eleitoral, tal episódio truculento foi representativo da rejeição e da misoginia que determinados setores canalizam às feministas⁷. Dando continuidade a tais discursos, no início de 2019, com a posse de Jair Bolsonaro como Presidente da República, a recém nomeada Ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damares Alves afirmou que “uma nova era” havia começado, e que “menino veste azul e menina veste rosa”⁸. Entretanto, essa onda de protestos e manifestações

⁷ Segundo Marlise Matos, nos últimos 5 anos houve uma onda de projetos de lei, emendas à constituição e leis complementares com forte viés anti-gênero sendo apresentadas no Brasil. (2021, p. 258). A autora cita como exemplos o “Estatuto do Nascituro” de 2021 e o PL 4213/2020 de autoria de Caroline de Toni (PSL/SC), que tinha como objetivo a extinção das cotas parlamentares às mulheres.

⁸ Ver em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/03/em-video-damares-alves-diz-que-nova-era-comecou-no-brasil-meninos-vestem-azul-e-meninas-vestem-rosa.ghtml>>. Acesso em março de 2024.

públicas antifeministas e antigênero⁹ não se restringiu ao cenário político brasileiro.

Desde o fim dos anos 2000, as campanhas cresceram em diversos países - dentre eles a Polônia, Itália e México - através de movimentos familiaristas e antiaborto (Garbagnoli, 2019, p. 242). Ainda que apresentando nuances e particularidades, as “guerras ao gênero” são transnacionais e se disseminaram por todo o mundo, bem como suas estratégias de mobilização (Corrêa, 2022, p. 23). Na França, as manifestações ganharam fôlego na década de 2010 (Stambolis-Ruhstorfer, Tricou, 2018). E como salienta a pesquisadora Joana Maria Pedro, a discussão de gênero na América Latina também vive sob ataques, e a chamada “ideologia de gênero” tem sido usada como instrumento para ganhar eleições e atender a uma pauta moral e reacionária (2020)¹⁰. Em vista disso, trabalhos acadêmicos recentes se dedicaram a investigar tais manifestações, tanto em seu âmbito transnacional como local, refletindo sobre suas relações - com o conservadorismo religioso e com grupos políticos ligados à extrema-direita¹¹.

Do ponto de vista histórico, contudo, é possível observar que muitos dos elementos retóricos mobilizados pelos antifeminismos atuais possuem aproximações com discursos do passado. Judith Butler não foi a primeira estudiosa e escritora alvo de críticas e hostilidades. A conhecida filósofa Simone de Beauvoir - igualmente atacada por escritos antifeministas contemporâneos¹² - também enfrentou recepções polêmicas de sua obra *O Segundo*

9 Vale ressaltar que as expressões “antifeministas” e “antigênero” não são sinônimas, ainda que grupos antifeministas sejam atores centrais para a disseminação dos discursos antigênero da atualidade. O termo “antifeminismo” remete ao fim do século XIX, período em que “feminismo” passa a ser mais utilizado - e resignificado - por mulheres engajadas com a conquista de direitos e a emancipação feminina (BARD, 2019, p. 10). Já a expressão “antigênero”, como destacado em notas anteriores, é mais contemporânea, sendo mobilizada por ofensivas conservadoras e religiosas a partir do fim da década de 1990.

10 Na mesma entrevista, Joana Maria Pedro cita como exemplo o documentário *Gênero bajo ataque* (2018), produção dedicada a investigar como a chamada ideologia de gênero tem sido mobilizadas nas eleições e espaços políticos do Peru, Costa Rica, Colômbia e Brasil. Ver em: PELUFFO, Ana et al. “Simpósio: cinco questões sobre os estudos de gênero na América Latina”. *Estudos Históricos* (Rio de Janeiro) [online]. 2020, v. 33, n. 70 [Acessado 20 Março 2024], pp. 227-253. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S2178-14942020000200002>>. Epub 08 Jun 2020.

11 Um exemplo é o artigo já citado de Rogério Diniz Junqueira (2019). Destacamos ainda o trabalho de Edmeia Ribeiro (2019) sobre a ofensiva antigênero no México, e a dissertação *Movimento antifeminista: discursos e ativismos de mulheres nas redes sociais, impressos e eventos (2015-2019)*, de autoria de Carem Aline de Oliveira (2020).

12 Karina Veiga Mottin demonstra, em seu artigo, como as pensadoras Mary Wollstonecraft, Simone de Beauvoir e Judith Butler são mobilizadas (e recortadas) na narrativa antifeminista do livro *Feminismo: perversão e subversão*, de Ana Caroline Campagnolo (2019). Ver em: VEIGA MOTTIN, Karina (2023). “O Conceito de Gênero no Pensamento Antifeminista Brasileiro Contemporâneo”. *Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade*, [S. l.], v. 32, n. 72, p.

Sexo no ano de sua publicação. Do mesmo modo, a denúncia atual de que “o gênero” está promovendo uma “inversão dos papéis” entre mulheres e homens nos remete a expressões muito presentes na imprensa e nas manifestações culturais (peças de teatro, músicas, filmes, entre outros) do início do século XX (Moreira, 2023, p. 167). Naquela ocasião, o principal “inimigo” era o sufrágio feminino, que supostamente levaria à “masculinização das mulheres” e “desvirilização dos homens”.

Assim sendo, este artigo visa explorar a questão das permanências, rupturas e transformações em âmbito transnacional dos antifeminismos na sociedade ocidental, com destaque para os casos brasileiro e francês, mas não exclusivamente, partindo da historicização desses posicionamentos e discursos detratores. Para isso, analisarei alguns exemplos que datam do século XIX ao XX, observando tanto a dimensão de longa duração de determinadas concepções antifeministas quanto os seus elementos conjunturais, próprios das circunstâncias de cada época em que foram produzidas¹³. Em seguida, apresentarei três trabalhos que discutiram especificamente a questão dos antifeminismos nesses contextos: *Backlash: O contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres* (2001), de Susan Faludi; *L'antiféminisme à la Belle Époque, une rhétorique réactionnaire* (1999), de Florence Rochefort (1999) e, por fim, *Feminismos e antifeminismos: Mulheres e suas lutas pela conquista da cidadania plena* (2013), de Rachel Soihet. Veremos que há uma centralidade da noção de *reação* nessas interpretações, bem como do manejo interdisciplinar de conhecimentos e conceitos que possibilitam uma análise mais aprofundada das expressões antifeministas.

MULHERES, OBRAS E IDEIAS QUE INCOMODAM

Em 1922, a popular revista ilustrada *Careta*, editada no Rio de Janeiro, publicou uma crônica chamada *Uma these feminisia*, assinada pelo pseudônimo Herr Hess. Ao grafar “feminisia” em lugar de “feminista”, o autor pretendia fazer uma referência jocosa ao nome de Nísia Floresta Brasileira Augusta (Moreira, 2019,

116–129. doi: 10.21879/faeeba2358-0194.2023.v32.n72.p116-129. Disponível em: <https://revistas.uepb.br/index.php/faeeba/article/view/17697>. Acesso em: mar. 2024.

13 A preocupação com as permanências, rupturas e transformações está diretamente relacionada ao que menciono como a dimensão de longa duração e, por outro lado, os elementos conjunturais e circunstanciais de cada época. Essa perspectiva teórica-metodológica é influenciada especialmente pelo campo da História Cultural e da “História Nova”, desenvolvida por muitos(as) historiadores(as) vinculados(as) à chamada “Escola dos Annales”. Ver em: LE GOFF, Jacques (1990). *A História Nova*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes; CHARTIER, Roger (2009). *A história ou a leitura do tempo*. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

p. 66), uma conhecida educadora preocupada com a emancipação feminina, autora de *Opúsculo Humanitário* (1853). Já na época de Nísia Floresta, em meados do século XIX, quando começam a surgir os primeiros jornais dirigidos por mulheres, os críticos se manifestavam vivamente, julgando suas produções como “imprensa secundária”, inconsistentes e supérfluas (Duarte, 2019, p. 30)¹⁴. Esse tipo de rechaço às mulheres intelectualizadas e às suas produções encontra exemplos para além do contexto brasileiro: na França, as sátiras já eram recorrentes e mencionavam figuras públicas, como George Sand¹⁵:

14 Os reflexos do incômodo causado pelas mulheres intelectualizadas também se encontram na literatura brasileira. Maria Thereza Caiuby Crescenti Bernardes, em sua obra *Mulheres de ontem? Rio de Janeiro, século XIX* (1989) traz como exemplo a personagem Deolinda, do romance *Rosa* (1861) de Joaquim M. Macedo. Deolinda é professora, de estado civil desconhecido e engajada com os direitos femininos - declara conhecer “como as palminhas de minhas mãos as obras de George Sand”. A personagem é estigmatizada por um senhor que diz “(...) não é lá uma grande honra ser mestra, ou professora de meninas; aqui no Rio de Janeiro qualquer bicho-careta abre colégios de meninas (...)”. Segundo Crescenti Bernardes, “o único papel feminino, entre todos os que foram analisados, realçado por uma qualificação profissional e não por uma identificação de família, é extremamente ridicularizada pelo romancista” (1989, p. 90). Ademais, “o ridículo de sua figura foi a forma encontrada pelo romancista para, estigmatizando tal independência, resguardar o ideal de mulher submissa que é então preconizado e resguardar também a continuidade da família ameaçada pelos ‘direitos femininos’” (1989, p. 91).

15 George Sand foi o pseudônimo da romancista Amandine Aurore Lucile Dupin (1804-1876), conhecida pela opinião pública por vestir-se com trajes masculinos. O seu primeiro sucesso literário foi o romance *Indiana* (1932), que aborda criticamente o tratamento da mulher no matrimônio.



Figura 2. *Congrès masculino-fœmino-littéraire.* Ilustração de Henri-Gérard Fontallard, revista *Aujourd'hui – Journal des ridicules* (França), 15 de outubro de 1839. Reprodução do Acervo Digital do *Musée Carnavalet, Histoire de Paris*. Disponível em: <https://www.paris-museescollections.paris.fr/fr/musee-carnavalet/oeuvres/congres-masculino-foemino-litteraire-15-8bre-1839-2me-annee>

A imagem acima, publicada na capa de um jornal satírico francês em 1839, ilustra a cena de um imaginado “congresso masculino-feminino literário”, em que as personagens chamam a atenção por seus comportamentos e reações tidos como vulgares para as damas da época. Essas mulheres são escritoras atuantes naquele período: da esquerda para a direita vemos Eugénie Foa, Sophie Gay, Virginie

Ancelot, George Sand e Delphine de Girardin. As suas identidades são explicitadas também nos trocadilhos da legenda, sugerindo que são “anfíbios metade homem metade mulher”, “velhas” e “sem fé”, além de péssimas literatas, já que “nem sempre fazem bons brindes literários”, “ficam alegres quando finalmente surgem ideias” e “raramente inventam algo”. O termo *bas-bleus* (meias azuis) designava essas mulheres das letras, e tornou-se, no cenário francês, tão pejorativo quanto as peças cômicas *Les Femmes Savantes* ou *Les Précieuses Ridicules* de Molière, do século XVII. Em suma, as *bas-bleus* eram, nessas narrativas satíricas, sinônimo de mulheres masculinizadas, deslocadas e de baixa qualidade artística e intelectual (Moreira, 2023, p. 177).

A observação desse cenário já refratário à emancipação feminina ainda no século XIX nos permite compreender o fervoroso antissufragismo que ganhará as páginas da imprensa e dos postais no início do XX. Se as mulheres escritoras já incomodavam alguns setores, disputando o espaço concorrido dos círculos literários, com a demanda explícita por direitos civis e políticos a “ameaça de invasão dos espaços masculinos” tornaria-se ainda maior. Feministas e sufragistas passaram a ser retratadas como mulheres velhas e feias, descontentes e masculinizadas, acusadas de promoverem uma “inversão dos papéis de gênero”. Em outras palavras, o já conhecido repúdio às mulheres intelectualizadas ganha uma nova roupagem. Nesse sentido, os discursos antifeministas mobilizam uma narrativa de “crise da virilidade” dos homens, que, por sua passividade, contribuiriam para a “ascensão dos ideais feministas” (Moreira, 2021, p. 275). Charges e caricaturas das ativistas eram constantemente publicadas em revistas como *O Malho*, que contavam com tiragens consideráveis e circulavam, em especial, nos grandes centros urbanos da época:

O MALHO

POSTAES MASCULINOS

AUSENCIA

A minha Irmã Santa (Aracajú, Sergipe):
 Longe de ti minh'alma, entristecida,
 Jámais te esquecerá um só instante,
 E de saudades vive agonizante,
 Já descrente de tudo nesta vida...
 Cada dia que passa ella duvida
 Do teu amor sincero e tão constante,
 E quer deixar-me p'ra viver errante,
 Vagando pelo espago, sem guarida...
 Eu sei de tudo Santa... e não me esquivo
 De declarar-te d'aquí mesmo, ausente,
 O que a tanta descrença deu motivo:
 Minh'alma vive assim desiludida,
 Acredita o que digo — é tão somente
 Porque tu não choraste na partida...
 Antonio Dantas Bittencourt

Como o dia possui o sol, grande astro que nos illumina e aquece, o amor possui a bella e fulgurante estrella

que nos guia e fortalece — a esperança: — Arthur Fonseca (Jahu)

Assim como as vagas se quebram de encontro ás praias, deixando após si a branca espuma, tambem a vida se despedaça de encontro ás illusões, deixando na sua retaguarda as doces esperanças. — Accacio Dias (Cantagallo, Estado do Rio).

L E X

Cabe a gotta de orvalho sobre a flor,
 Sobre as faces as lagrimas cruéis;
 Sobre mim teu olhar cede, e de amor
 Caio eu a teus pés!
 Morre a gotta de orvalho ao sol ardente,
 Morre o granto que molha o rosto teu,
 Sobre mim teu olhar morre, e, contente
 Por te amar, morro eu!
 Guilherme Cruz

Respondendo a Geth Jansen (Rio Madeira):
 O illustre *pensamenteiro* vai desviado da trilha da razão, chamando o amor de desgraça e imbecilidade.
 Elle é a agua lustral da fonte divina que sacia a sede do coração; é a aurora irradição luminosa das alvoradas do céu, que dissipa as pesadas trevas da noite de nossa vida, e, portanto, não merece tão injusta profanação. Pensar

PERIGO FEMININO

«Louvras, to — Compareceram á barra do Tribunal duas suffragistas que quebraram uns vidros das janelas de «Gisela Hall» na noite do banquete offerecido ao novo Lord Mayor da City. Em poder das suffragistas foi encontrada uma seringa e uma garrafa de leite com que se propunham assaltar o Sr. Herbert Asquith, presidente do Conselho de Ministros, e submettel-o á experiencia feita na prisão de Manchester com as suffragistas que se negaram a tomar alimentos...»
 Como é sabido, o director da prisão de Manchester fez alimental-as por meio de uma bomba especial.
 (Telegramma do Jornal)

Os homens: — Toca a fugir, rapaziada, que um novo perigo nos ameaça! Essas serigaitas solteironas e despeitadas deviam usar essas armas para ellas!

Figura 3. Perigo Feminino. Ilustração de Storni, revista *O Malho* (Brasil), 27 de novembro de 1909, n. 376. Reprodução do Acervo Digital da Fundação Biblioteca Nacional (BNDigital).

Perigo Feminino chama a atenção pelos elementos gráficos: a cena recria a tradicional narrativa da “guerra dos sexos”, colocando, dessa vez, as sufragistas de um lado, avançando com “armas” disparatadas – uma seringa gigante e suas munições de leite –, e os homens do outro, fugindo com feições de espanto e ojeriza. Na legenda, eles verbalizam: “Toca fugir, rapaziada, que um novo perigo nos ameaça! Essas **serigaitas, solteironas e despeitadas** deviam usar essas armas para elas!...” (grifos meus). Em tom jocoso, a fala dos personagens retrata um argumento antifeminista crescente: a de que as feministas eram mulheres frustradas, e que por isso rejeitavam os ideais tradicionais da feminilidade, como o recato e a maternidade. A misoginia se evidencia não só pela representação imagética – permeada por estereótipos visuais, em que as sufragistas aparecem como mulheres masculinizadas, fora dos padrões de beleza e se comportando de maneira “histórica” – como pela própria narrativa da charge, que enumera termos, na época, pejorativos e ofensivos às mulheres. A ilustração satiriza, além disso,

um gesto político iniciado por sufragistas inglesas encarceradas naquele mesmo ano: a prática da greve de fome¹⁶.

Em *Perigo Feminista* temos um exemplo desse antifeminismo satírico reincidente não apenas na própria revista *O Malho*, como também entre outras revistas do mesmo seguimento, no Brasil e em países vizinhos¹⁷. E a produção dessas representações difamatórias de mulheres engajadas com os ideais feministas se deu em escala ampla, ultrapassando as barreiras nacionais. O *Palczewski Suffrage Postcard Archive*, organizado pela professora Catherine Palczewski (*University of Northern Iowa*), levantou um acervo importante, que demonstra a circulação dessas imagens antissufragistas no contexto anglo-saxão através de cartões-postais¹⁸.

A conquista do sufrágio feminino, com efeito, demandou décadas de lutas e articulações organizadas. A pauta avançou no Brasil nas décadas de 1920 e 1930, sendo estabelecida também em outros países depois da Primeira Guerra Mundial (Perrot, 2016, p. 152). Entretanto, o voto feminino era apenas uma das reivindicações exigidas por setores feministas. Questões relativas às mulheres no mundo do trabalho, à maternidade e à desigualdade entre homens e mulheres - só para citar algumas - continuavam na ordem do dia, inspirando não só os movimentos, mas também as reflexões de intelectuais da época. Um exemplo emblemático é a obra de Simone de Beauvoir, *O Segundo Sexo* (1949). Abordando o que seriam os fatos e os mitos da condição da mulher, a autora articula argumentos de distintos saberes (dentre eles a biologia, a antropologia, a psicanálise e a história). O livro, assim que publicado, gerou um grande alarde na sociedade francesa. Em um de seus estudos, a historiadora Sylvie Chaperon demonstra como a filósofa - que ainda não se denominava feminista, pois o faz somente nos anos 60 - foi alvo não só de

16 No mês de julho, a sufragista Marion Wallace Dunlop deu início a uma greve de fome dentro da prisão, e o ato se alastrou entre as demais encarceradas. Em setembro, todavia, principiou-se uma das mais violentas práticas de contenção da ação política dessas mulheres, além do próprio encarceramento: a alimentação forçada. Essa emblemática cena se repetiu nas prisões até março de 1913, quando foi aprovada a Lei dos Prisioneiros (conhecida como *The cat and mouse act*), que minou as greves e, por consequência, as práticas de alimentação forçada. Ainda assim, as imagens de tortura foram representadas em diversos cartões postais ingleses, alguns denunciando as práticas e o consentimento governamental e outros, de caráter antissufragista, exploravam uma suposta “comicidade” dos embates das sufragistas contra os agentes públicos (Moreira, 2023, p. 112).

17 Para uma análise detalhada dessas fontes, em perspectiva comparativa, ver: Moreira, Thaís Batista Rosa (2023). *Na mira do traço: representações antifeministas nas revistas humorísticas PBT e O Malho (Argentina e Brasil, 1904-1918)*. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. doi:10.11606/D.8.2023.tde-14032024-102654.

18 O acervo do *Palczewski Suffrage Postcard Archive* está disponível em: <https://scholarworks.uni.edu/suffrage/> (acesso em maio de 2024).

críticas grosseiras, recheadas de *ad hominem* e ironias sexistas, como também de hostilidades em lugares públicos (1999, p. 37).

Analisando os comentários e as reações que circularam pela imprensa literária e filosófica, Chaperon busca matizar como se deram os debates entre aqueles que defendiam a obra de Beauvoir e aqueles que a acusavam de uma espécie de “atentado à moralidade”. *O Segundo Sexo* foi atacado com ironias e distorções, e, por vezes, evitando discutir as teses do livro, seus detratores preferiram reduzi-lo a um “problema pessoal e sexual” de Simone de Beauvoir (Chaperon, 1999, p. 45). Outro fator importante da polêmica é o seu caráter amplo do ponto de vista ideológico: havia adversários tanto na direita católica e gaulista como na esquerda comunista (Chaperon, 1999, p. 40). Para esses últimos, Beauvoir estava ao lado da burguesia, ignorava que “a luta dos trabalhadores e das mulheres é a mesma” e, por isso, apenas os comunistas apresentavam “aquela verdadeira libertação da mulher, que só é possível sob o socialismo” (Chaperon, 1999, p. 53). Já entre os conservadores, *O Segundo Sexo* foi taxado como “uma nova formulação filosófica do velho sonho *suffragette*”, “manual de egoísmo erótico” e “pornografia” (Chaperon, 1999, p. 43). O tabu da discussão aberta sobre a sexualidade, ainda mais da mulher - e por uma mulher - dá o tom das resenhas que acabam, na maior parte do tempo, dissertando sobre determinada moralidade. Um dos críticos, Pierre Lowell, afirmou que a libertação das mulheres levaria à “destruição da família, como prometera a revolução soviética” (Chaperon, p. 47).

Esse breve panorama apresentado nos permite elencar algumas considerações importantes sobre os discursos antifeministas de ontem e de hoje. Em primeiro lugar, quanto à forma, diz respeito à mobilização constante do humor sexista¹⁹, das sátiras e ironias. Seja no campo da literatura, da política ou da filosofia, as mulheres, as suas obras e seus ideais emancipatórios foram alvos, em algum momento, de caricaturas e insultos envoltos pela opacidade do humor²⁰. Em segundo lugar, no

19 Merrie Bergmann, em *How Many Feminists Does It Take to Make A Joke? Sexist Humor and What's Wrong with It* (1986), define o humor sexista como “aquele em que as crenças sexistas, sejam elas atitudes ou normas, são pressupostas e necessárias para a diversão” (p. 63). A autora assinala que as mulheres são tradicionais objetos de humor em diversas culturas: são inúmeras as piadas sobre “loiras burras”, “sogras” e “mulheres motoristas”. Segundo a autora, no humor sexista também há o uso do silogismo: “tudo o que uma feminista faz é algo que uma mulher faz; tudo o que uma mulher faz é trivial e ridículo; portanto, tudo o que uma feminista faz é trivial e ridículo” (p. 64). Nesse sentido, ela demonstra que as crenças sexistas, quando manejadas pelo humor, são marcadamente mais mordazes com as mulheres. Ver em: BERGMANN, Merrie (1986). “How many feminists does it take to make a joke? Sexist humor and what's wrong with it”. *Hypatia* (1) 1, 63-82. doi: 10.1111/j.1527-2001.1986.tb00522.x

20 A “opacidade do humor” é, segundo o historiador Elias Thomé Saliba, “o manto que cobre inúmeros códigos sociais” (2018, p. 11). Em outras palavras, trata-se do álibi e pretexto da “simples diversão” que encobrem essas representações carregadas com o “oxigênio mental” da época,

que tange ao conteúdo, há permanências, rupturas e transformações. O rechaço às mulheres que “invadem” os espaços e debates amparados pelo patriarcado sobrevive ao tempo. Outro fator importante a salientar é que as ofensivas antifeministas não eram exclusivas a um único espectro político-ideológico: manifestavam-se com argumentos diferentes, mas, ainda assim, com um sentido semelhante de negar e rejeitar o que se entendia como feminista²¹.

Entretanto, alguns dos símbolos antifeministas se perderam ou se transformaram. Determinados “trejeitos masculinos” do século XIX e início do XX - como fumar e usar calças - eram frequentemente mobilizados pelos detratores das feministas na época, como vimos nas charges analisadas. Porém, com o passar das décadas, já não possuíam sentido como crítica, perdendo o seu teor difamatório na medida que foram deixando de ser “exclusivos” no âmbito do gênero (Moreira, 2023, p. 221). Na época da publicação de *O Segundo Sexo*, por sua vez, a questão da sexualidade torna-se mais central. De todo modo, a série apresentada nos possibilita vislumbrar um elemento em comum entre as diversas manifestações dos antifeminismos: elas se direcionam sempre para onde há clamores por igualdade de gênero, seja na arte, na política, ou na produção de conhecimento.

INTERPRETANDO OS ANTIFEMINISMOS: DISCUSSÕES E HISTORIOGRAFIA

A reação desencadeada pelo antifeminismo foi tão forte e competente que não apenas promoveu o desgaste semântico da palavra feminismo como transformou a imagem da feminista em sinônimo de mulher mal-amada, machona, feia, em total oposição à ideia do “feminino”. (Duarte, 2019, p. 25-26)

Desde que os feminismos tornaram-se objeto de estudos e pesquisas, o fenômeno dos antifeminismos é citado como uma reação ao movimento de mulheres. Todavia, algumas autoras se dedicaram especificamente à questão, buscando analisar as dimensões históricas e sociológicas das oposições aos feminismos. Nesse sentido, darei ênfase a três delas: a jornalista estadunidense Susan Faludi, autora de

que podem servir a inúmeras intenções, dentre elas a de ironizar, satirizar, parodiar, criticar, zombar, acariciar ou desmoralizar (Saliba, 2018, p. 11).

²¹ Os trabalhos de Rochefort (1999), sobre a *belle époque* francesa, e de Soihet (2013), tratando do contexto brasileiro, são exemplos de análises que demonstram como os embates sobre a questão da igualdade entre homens e mulheres transcendia as oposições tradicionais do jogo político. Isto é, tanto interlocutores da direita como da esquerda manifestaram, em esfera pública, as suas convicções antifeministas.

Backlash: O contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres (2001)²²; a historiadora francesa Florence Rochefort, autora do capítulo *L'antiféminisme à la Belle Époque, une rhétorique réactionnaire* (1999); e, por fim, a historiadora brasileira Rachel Soihet, autora do livro *Feminismos e antifeminismos: Mulheres e suas lutas pela conquista da cidadania plena* (2013). A escolha das respectivas autoras e textos se dá, para além da relevância de suas reflexões, pelo fato de todas terem desbravado com profundidade as particularidades dos antifeminismos, buscando identificar a historicidade e os mecanismos de cada caso estudado. Além disso, trazem à tona exemplos de diferentes localidades e temporalidades, contribuindo para o panorama transnacional evocado pelo artigo em questão.

Faludi escreve *Backlash* (2001) há luz do que observou na grande imprensa estadunidense no que dizia respeito à condição feminina nos anos 1980. Segundo seus levantamentos, alguns veículos como *Newsweek* e *National Review* publicavam textos defendendo que “o excesso de igualdade” causava sofrimento às mulheres, que os movimentos feministas se provaram “o pior inimigo da mulher” e que o “erro feminista” havia tirado “a felicidade da maioria das mulheres - os homens” (Faludi, 2001, p. 10). A autora questiona, ao longo de sua obra, o suposto “sucesso da igualdade” apontado pela imprensa norte-americana (face os dados estatísticos que indicavam o contrário), assim como as próprias narrativas de “crises femininas” que indicavam o feminismo como culpado. Para Faludi, há um sistema fechado que começa e termina na mídia, na cultura popular e na publicidade, um contínuo *feedback* que perpetua e exagera a sua própria imagem fictícia da feminilidade (Faludi, 2001, p. 14).

“A verdade é que os anos 80 presenciaram um poderoso contra-ataque aos direitos das mulheres, levando a um retrocesso, a uma tentativa de reduzir o punhado de pequenas e sofridas vitórias que o movimento feminista a custo conseguiu. (...) O *backlash* é ao mesmo tempo requintado e banal, decepcionantemente “progressista” e orgulhosamente retrógrado” (Faludi, 2001, p. 17)

A jornalista trabalha com o argumento de que a hostilidade contra a independência feminina “sempre esteve entre nós”, e que os sintomas do medo e da intolerância em relação ao feminismo “periodicamente voltam à tona” (Faludi, 2001, p. 18). Assim sendo, os posicionamentos antifeministas são entendidos como um

22 O original foi publicado em inglês em 1991, sob o título *Backlash: The undeclared war against American women*.

“contra-ataque” reincidente na história de seu país, e que “tais surtos raramente são casuais; eles sempre são ocasionados pela percepção - correta ou não - de que as mulheres estão avançando a passos largos. São *backlashes* porque sempre surgem como reação contra o “progresso” das mulheres (...)” (Faludi, 2001, p. 18). A autora destaca, ainda, que o *backlash* dos anos 80 “andou pelos subterrâneos secretos da cultura” e que “ao longo do caminho usou vários disfarces: desde a máscara de uma condescendente ironia até a expressão sofrida da “profunda preocupação” (Faludi, 2001, p. 21).

Para Rachel Soihet, as declarações sobre a “infelicidade das mulheres” em decorrência dos feminismos, presentes nos levantamentos de Faludi, coincidem com parte das ideias expressas em matérias apresentadas pelo periódico brasileiro *O Pasquim* durante as décadas de 1960 e 1970 (2013, p. 202). A historiadora dedicou um capítulo todo de seu livro *Feminismos e Antifeminismos* ao estudo da revista progressista, que, apesar de ocupar um espaço importante na resistência contra a ditadura militar brasileira, utilizou constantemente a zombaria - para a autora, um instrumento conservador - como arma antifeminista entre libertários. O trabalho de Soihet demonstra como as entrevistas (especialmente com mulheres) publicadas em *O Pasquim* recaíam constantemente em estereótipos de gênero e em afirmações misóginas, com falas como “*Betty Friedan não. As feias que me perdoem, mas beleza é essencial*” e “*é que a mulher casada não faz nada com o tempo livre que tem. Quando casa, deixa de pensar, não pensa mais (...) É uma verdadeira parasita*” (Soihet, 2013, p. 176-177).

Se para compreender a persuasão do riso a autora mobiliza estudos de Quentin Skinner²³, para compreender a adesão ao antifeminismo - inclusive por parte de mulheres - Soihet trabalha com o conceito de “violência simbólica” de Roger Chartier (que retomava, por sua vez, a tese de Pierre Bourdieu sobre a dominação masculina). Segundo o historiador, a violência simbólica supõe “a adesão pelos dominados das categorias que embasam a sua dominação”, e é “nutrida pela contínua afirmação de que a diferença tem origem natural, radical, irredutível e universal – mesmo quando se sabe que ela é uma relação histórica, cultural e linguisticamente construída” (Chartier, 1995, p. 42). Rachel Soihet complementa, por sua vez, que a incorporação da dominação não exclui a presença de variações e manipulações por parte

23 Em especial, a noção de “zombaria” explorada pelo historiador no livro *Hobbes e a teoria clássica do riso* (2002).

dos dominados, que podem construir recursos para deslocar ou subverter a relação de dominação (2013, p. 200).

“Se o antifeminismo abrange um amplo espectro político, não deve ser visto simplesmente como um instrumento ao serviço de estratégias políticas mais globais. Na realidade, a questão da igualdade de gênero transcende as oposições tradicionais do espectro político e aquelas que se desenrolam em torno do pacto laico, porque se situa noutra nível de antagonismo, o das relações homens/mulheres” (Rochefort, 1999, p. 138, tradução própria).

Já o capítulo de Florence Rochefort na coletânea *Un siècle d'Antiféminisme* (1999), inserido no contexto francês da *Belle Époque*, buscou compreender a lógica do discurso antifeminista como uma comunicação eficaz e persuasiva, atrelando-a ao conceito de “retórica reacionária” do intelectual alemão Albert O. Hirschman. Para Rochefort, o antifeminismo do fim do século XIX e início do XX vem do amplo movimento de reação e contra-ofensiva ideológica iniciado na Revolução Francesa, ao remodelar a ideologia patriarcal por recusar a extensão da noção de indivíduo às mulheres (Rochefort, 1999, p. 139). Assim, a autora mobiliza os três tópicos que Hirschmann elenca para a sua análise da retórica reacionária: o efeito perverso, a tese da inanidade e a do perigo.

A “tese do efeito perverso”, segundo a qual toda tentativa de instauração da liberdade conduz à tirania, corresponde, para Rochefort, às figuras da “guerra dos sexos” manejadas por antifeministas. Desse modo, o feminismo era descrito por seus detratores sempre como uma “revanche” ou “cruzada” das mulheres, incentivadas pelo “ódio aos homens” (Rochefort, 1999, p. 139). Assim, os argumentos de efeito perverso tinham como efeito desvirtuar o projeto feminista, invalidando também toda ambição igualitária entre os sexos (Rochefort, 1999, p. 141). Já a “tese da inanidade” diz respeito aos argumentos que defendem que as mudanças desejadas na realidade deixam intactas as estruturas profundas da ordem social - isto é, no caso da literatura antifeminista, aparecem como “refutações do feminismo”, afirmando a necessidade e os princípios da desigualdade entre homens e mulheres (Rochefort, 1999, p. 142). Por fim, há a noção do “perigo”: apresentada como uma recusa à prioridade do direito das mulheres, pois seu “custo elevado compromete reformas mais urgentes” (Rochefort, 1999, p. 143). A autora cita como exemplo uma fala de Georges Clemenceau, na época Ministro do Interior da França, que, ao justificar o seu antissufragismo, disse que com o voto feminino “a França daria

um salto súbito de regressão à Idade Média” (Clemenceau apud Rochefort, 1999, tradução própria).

A historiadora aponta, com inúmeros exemplos em seu texto, que os discursos antifeministas da *Belle Époque* eram múltiplos e efetivos: caricaturais ou não, ligados à direita católica ou anarquismo, sua retórica reacionária permitiu, em situações diversas, um “freio” ao movimento em favor da igualdade dos sexos, principalmente ao esvaziar do feminismo o seu significado utópico (Rochefort, 1999, p. 144).

Em linhas gerais, é possível estabelecer dois elementos recorrentes nos estudos apresentados. O primeiro é a afirmação de que o antifeminismo não pode ser entendido como uma expressão exclusiva das direitas, ainda que tenha grande vigor entre os grupos alinhados ideologicamente a esse espectro. As autoras demonstram que, nos diferentes contextos investigados, alguns setores progressistas também propagaram determinadas concepções antifeministas e sexistas. O segundo elemento é a noção de antifeminismo como *reação*. Em todas as análises destacadas, os posicionamentos antifeministas apareceram como uma “contra-ofensiva” ou resposta aos movimentos e militantes em atuação, que se nutrem do temor, do escárnio e do pânico moral vinculado à emancipação feminina. Destacamos, ainda, a importância dos diálogos interdisciplinares nas análises. Nesse sentido, as autoras buscam articular conceitos e noções do campo da História, da Sociologia e da Filosofia, a fim de apresentar interpretações críticas aos fenômenos sociais investigados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa linear da história favorece uma representação do antifeminismo como uma reação. Uma espécie de guerra de cura. No entanto, a atenção para a cronologia do masculinismo mostra-nos que é também uma guerra preventiva e que atua por antecipação, com base numa previsibilidade bastante elevada de posições adversas que fazem parte de uma lógica política, numa visão do mundo que já é conhecida. (BARD, 2019, p. 39, tradução própria)

As permanências e as transformações de concepções e narrativas antifeministas na contemporaneidade demandam análises que articulem o presente e o passado. Christine Bard, na introdução de *Antiféminismes et masculinismes d’hier et d’aujourd’hui* (2019), lança uma série de observações e provocações que desafiam as novas pesquisas dentro da temática: é imprescindível atentar-se à pluralidade

não só do antifeminismo, como também do masculinismo²⁴; às questões identitárias que permeiam as associações e o cyberativismo antifeminista; à presença das mulheres antifeministas e às próprias interpretações do contra-movimento. A historiadora chega a mencionar o que chama de “interseccionalidade dos ódios” nos dias atuais e apresenta, inclusive, uma nova perspectiva analítica possível, pensando na existência não somente de *reações* antifeministas, mas também de *prevenções* antifeministas (Bard, 2019, p. 39). No mesmo livro, a socióloga Sara Garbagnoli defende que para compreender a lógica de funcionamento da retórica antigênero, devemos inscrevê-la em um movimento de *longa duração*, pois constitui “o ponto de chegada de uma reformulação do discurso da Igreja Católica sobre a ordem sexuada e sexual” (2019, p. 250).

As fontes históricas e os episódios citados anteriormente atestam que as preocupações elencadas pelas pesquisadoras encontram eco em nível transnacional. O antifeminismo como fenômeno histórico é múltiplo, dinâmico e, por vezes, contraditório. Afinal de contas, as mulheres feministas foram e são retratadas tanto como “depravadas destruidoras da família”, quanto como “pobres solteironas”. Por um lado, alguns instrumentos retóricos e discursivos ultrapassaram as fronteiras nacionais, circulando e sobrevivendo ao tempo, em especial o pânico moral da “inversão dos papéis de gênero” e o humor sexista como forma comum de ataque.

Por outro lado, os antifeminismos do presente não podem ser lidos como mera reprodução do passado. As expressões contemporâneas respondem a questões próprias dos nossos dias. Atualmente, o foco tem sido no termo “gênero”, e, como destaca Garbagnoli, não são apenas as reivindicações políticas e jurídicas de movimentos feministas e LGBTQI que passaram a ser contestadas, mas as próprias teorias e conceitos desenvolvidos a partir deles (2019, p. 244). Além disso, os antifeminismos contemporâneos se vinculam mais especificamente às bandeiras políticas da direita ultra-conservadora, amparados por uma forte atuação na internet, não só para difundir suas ideias, como para organizar atos, como o ocorrido em 2017 em rechaço à filósofa Judith Butler. Nesse sentido, é imperante identificar também as rupturas. Em tempos de candidaturas antifeministas, assédios públicos e protestos contra a “ideologia de gênero”, o *backlash* não se configura mais como “subterrâneo” e “acuado”, tal como identificou Susan Faludi nos anos 1980.

24 Segundo Christine Bard, o masculinismo é um dos ramos contemporâneos do antifeminismo, definido como um “movimento social que se constitui no ocidente a partir dos anos 1980 para defender os “direitos dos homens” numa sociedade que agora acreditam ser dominada por mulheres” (2019, p. 14, tradução própria).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Branca Moreira (2019). “A luta das sufragistas”. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Pensamento feminista brasileiro – formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, p. 49-63.
- BARD, Christine (1999). *Un siècle d’antiféminisme*. Paris: Éditions Fayard.
- BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. (1989). *Mulheres de ontem? Rio de Janeiro, século XIX*. São Paulo: T.A. Queiroz.
- CORRÊA, Sonia (2022). “É importante entender o alcance histórico, a longevidade da mobilização conservadora”, *SUR* 32, acesso Maio. 2024. Disponível em: <https://sur.conectas.org/e-importante-entender-o-alcance-historico-a-longevidade-da-mobilizacao-conservadora/>
- DUARTE, Constância Lima (2019). “Feminismo: uma história a ser contada”. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org). *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, p. 25-48.
- GARBAGNOLI, Sara (2019). “De quoi « le gender » des campagnes « anti-genre » est-il le nom?”. In: BARD, Christine; BLAIS, MéliSSa; DUPUIS-DÉRI, Francis. *Antiféminismes et masculinismes d’hier et d’aujourd’hui*. Paris: Presses Universitaires de France.
- GRAFF, Agnieszka; KOROLCZUK, Elżbieta (2022). “Anxious parents and children in danger: the family as a refuge from neoliberalism”. In: *Anti-Gender Politics in the Populist Moment*. Londres: Routledge, p. 114-136
- BERGMANN, Merrie (1986). “How many feminists does it take to make a joke? Sexist humor and what’s wrong with it”. *Hypatia* (1) 1, p. 63-82. doi:10.1111/j.1527-2001.1986.tb00522.x
- CHAPERON, Sylvie (2015). “Auê sobre o Segundo sexo”. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 12, p. 37-53.
- CHARTIER, Roger (1995). “Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica)”. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 4, p. 37-47.
- CHARTIER, Roger (2009). *A história ou a leitura do tempo*. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- JUNQUEIRA, Rogério (2019). “‘Ideologia de gênero’: uma ofensiva reacionária transnacional”. *Tempo e Presença*, vol. 32, p. 1-22.
- LE GOFF, Jacques (1990). *A História Nova*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes.
- MOREIRA, Thaís Batista Rosa (2019). “Os essencialismos de gênero pelo viés da ironia: o antifeminismo em publicações das revistas ilustradas humorísticas “O Malho” e “Careta””. *Epígrafe*, São Paulo, [S. l.], v. 7, n. 7, p. 55-81. doi: 10.11606/issn.2318-

- 8855.v7i7p55-81. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/epigrafe/article/view/154020>.
- MOREIRA, Thaís Batista Rosa (2022). “A representação (anti)feminista na imprensa ilustrada argentina do início do século XX: entre disputas e apropriações”. *Revista Angelus Novus*, São Paulo, [S. l.], v. 12, n. 17, p. 189318. doi: 10.11606/issn.2179-5487.v12i17p189318. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ran/article/view/189318>.
- MOREIRA, Thaís Batista Rosa (2021). “O (anti)feminismo nas representações da virilidade na imprensa ilustrada humorística (Brasil e Argentina, 1904-1918)”. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, [S. l.], v. 21, n. 31, p. 257–2921. doi: 10.46752/anphlac.31.2021.3951. Disponível em: <https://anphlac.emnuvens.com.br/anphlac/article/view/3951>.
- MOREIRA, Thaís Batista Rosa (2023). *Na mira do traço: representações antifeministas nas revistas humorísticas PBT e O Malho (Argentina e Brasil, 1904-1918)*. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. doi:10.11606/D.8.2023.tde-14032024-102654.
- MATOS, Marlise (2021). “Por que as mulheres não deveriam votar e o Brasil de hoje: voto e conservadorismo”. In: PRESTES, Ana (org.). *100 anos da luta das mulheres pelo voto na Argentina, Brasil e Uruguai*. Porto Alegre, RS: Instituto E Se Fosse Você?, p. 236-261.
- MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano (2017). “‘Ideologia de gênero’: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo”. *Sociedade e Estado* [online], v. 32, n. 03, p. 725-748. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/so102-69922017.3203008>>. ISSN 0102-6992. <https://doi.org/10.1590/so102-69922017.3203008>.
- OLIVEIRA, Carem Aline (2020). *Movimento antifeminista: discursos e ativismos de mulheres nas redes sociais, impressos e eventos (2015–2019)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon.
- PELUFFO, Ana et al (2020). “Simpósio: cinco questões sobre os estudos de gênero na América Latina”. *Estudos Históricos* (Rio de Janeiro) [online], v. 33, n. 70, p. 227-253. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S2178-14942020000200002>>. Epub 08 Jun 2020.
- PERROT, Michelle (2016). *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto.
- RIBEIRO, Edméia (2019). “‘Ideologia de gênero’: ofensiva reacionária, pânico e cruzada moral no México (2016)”. *Antíteses*, [S. l.], v. 12, n. 24, p. 488–516. doi: 10.5433/1984-3356.2019v12n24p488. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/38184>. Acesso em: fev. 2024.
- ROCHEFORT, Florence (1999). “L’antiféminisme à la Belle Époque, une rhétorique réactionnaire”. In: BARD, Christine. *Un siècle d’antiféminisme*. Paris: Éditions Fayard.

- SALIBA, Elias Thomé (2018). *Crocodilos, satíricos e humoristas involuntários: Ensaios de História Cultural do Humor*. São Paulo: Intermeios.
- SKINNER, Quentin (2002). *Hobbes e a teoria clássica do riso*. São Leopoldo/RS: Editora da UNISINOS.
- SOIHET, Rachel (2013). *Feminismos e antifeminismos: Mulheres e suas lutas pela conquista da cidadania plena*. Rio de Janeiro: 7 Letras.
- STAMBOLIS-RUHSTORFER, Michael; TRICOU, Josselin (2018). “La lutte contre la « théorie du genre » en France : pivot d’une mobilisation religieuse dans un pays sécularisé”. In: *Campagnes anti-genre en Europe : Des mobilisations contre l’égalité* [online]. Lyon: Presses universitaires de Lyon. <https://doi.org/10.4000/books.pul.27880>. Disponível em: <<http://books.openedition.org/pul/27880>>.
- VEIGA MOTTIN, Karina (2023). “O Conceito de Gênero no Pensamento Antifeminista Brasileiro Contemporâneo”. *Revista da FAEBA - Educação e Contemporaneidade*, [S. l.], v. 32, n. 72, p. 116–129. doi: 10.21879/faeaba2358-0194.2023.v32.n72.p116-129. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/faeaba/article/view/17697>.
- WOOLF, Virginia (1985). *Um teto todo seu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.